



2310 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 15 - Psicologia da Educação

#### **AValiação dos Afetos Positivos e Negativos de Adolescentes na Educação Básica**

Carla da Conceição Lettnin - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Aline Rocha Mendes - PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Karina Pacheco Dohms - Colégio Marista Rosário  
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES; CAp/UFRGS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Esta pesquisa, quantitativa, objetivou verificar a frequência que adolescentes da Educação Básica da rede pública e privada experimentam emoções positivas e negativas na escola, pela medição dos afetos positivos (AP) e afetos negativos (AN) de 206 estudantes, com idades entre 13 e 19 anos. Utilizou-se uma escala de atitudes (EAPN-A), analisando-se os dados por estatística descritiva e teste t. Constatou-se que esses estudantes expressaram  $M= 47,13$  ( $DP= 10,32$ ) de AP e  $M= 29,33$  ( $DP= 10,70$ ) de AN, na escola. Verificou-se que as médias mais altas para os AP associaram-se à felicidade, à diversão e ao interesse, e para os AN relacionaram-se à preocupação, à impaciência e ao se sentir chateado. O teste t, demonstrou diferença estatisticamente significativa ( $t= -2,808$ ;  $p<0,005$ ) entre as médias dos AN de meninos e meninas; e para as médias dos AP e AN entre a escola da rede pública e da privada ( $t= -2,89$ ;  $p<0,005$ ). As alunas mais velhas (16 a 19 anos) expressaram sentir mais AN que as mais jovens (13 a 15 anos), sendo essa diferença estatisticamente significativa ( $t= -2,007$ ;  $p<0,048$ ). Entende-se que as diferentes percepções dos adolescentes sobre os AP e AN podem estar relacionadas a fatores, como: história de vida, ambiente, personalidade, e, influenciar seus comportamentos e atitudes.

#### **AValiação dos Afetos Positivos e Negativos de Adolescentes na Educação Básica**

**RESUMO:** Esta pesquisa, quantitativa, objetivou verificar a frequência que adolescentes da Educação Básica da rede pública e privada experimentam emoções positivas e negativas na escola, pela medição dos afetos positivos (AP) e afetos negativos (AN) de 206 estudantes, com idades entre 13 e 19 anos. Utilizou-se uma escala de atitudes (EAPN-A), analisando-se os dados por estatística descritiva e teste t. Constatou-se que esses estudantes expressaram  $M= 47,13$  ( $DP= 10,32$ ) de AP e  $M= 29,33$  ( $DP= 10,70$ ) de AN, na escola. Verificou-se que as médias mais altas para os AP associaram-se à felicidade, à diversão e ao interesse, e para os AN relacionaram-se à preocupação, à impaciência e ao se sentir chateado. O teste t, demonstrou diferença estatisticamente significativa ( $t= -2,808$ ;  $p<0,005$ ) entre as médias dos AN de meninos e meninas; e para as médias dos AP e AN entre a escola da rede pública e da privada ( $t= -2,89$ ;  $p<0,005$ ). As alunas mais velhas (16 a 19 anos) expressaram sentir mais AN que as mais jovens (13 a 15 anos), sendo essa diferença estatisticamente significativa ( $t= -2,007$ ;  $p<0,048$ ). Entende-se que as diferentes percepções dos adolescentes sobre os AP e AN podem estar relacionadas a fatores, como: história de vida, ambiente, personalidade, e, influenciar seus comportamentos e atitudes.

**Palavras-chave:** Afetos Positivos e Negativos. EAPN-A. Adolescentes. Escola. Bem-estar Subjetivo.

#### **INTRODUÇÃO**

Atualmente as emoções, positivas e negativas, são objeto de estudo em diversos setores ou áreas de conhecimento devido à sua importância e influência no comportamento, frente às diversas situações vivenciadas pela pessoa. Essas emoções que vão sendo experienciadas, em maior ou menor intensidades, também auxiliam na formação da personalidade e controle dos próprios impulsos, sendo frequente ver pessoas agindo de formas distintas em situações similares, envolvendo as mesmas emoções.

Nesse sentido, ressalta-se a importância das pesquisas abordando os temas das emoções, dos sentimentos e da afetividade no contexto escolar, local onde muitas crianças iniciam uma vida social mais ativa, colocando-as diante de circunstâncias que lhes desafiam a lidar com sucessos e frustrações.

Espera-se que cada indivíduo, conforme sua trajetória, ao chegar na adolescência seja capaz (ou não) de reconhecer e lidar com suas próprias emoções diante das circunstâncias apresentadas. Essa fase da vida é caracterizada como uma fase de transição para a vida adulta, em que esses jovens se encontram diante de muitas mudanças e desafios.

Diante do exposto, o presente artigo teve como principal objetivo, verificar a frequência com que adolescentes experimentaram emoções positivas e negativas no ambiente escolar, por meio da medição dos afetos positivos e negativos vivenciados por um grupo de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

#### **AS EMOÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR**

O ambiente escolar está permeado de situações que envolvem sentimentos e emoções que, cada vez mais, desafiam as pessoas a se autoconhecer, para melhor lidar com as relações interpessoais. Esse estudo tem o intuito de compreender como os adolescentes se sentem na escola, ambiente no qual eles convivem com seus pares, professores e funcionários, estabelecendo diversas relações e desenvolvendo habilidades e competências em diferentes aspectos ligados a Educação Emocional.

Procurou-se investigar esta etapa do desenvolvimento humano (adolescência), por se tratar de um período visto como conturbado e de mudanças. Conforme Santrock (2014, p. 47), a adolescência pode ser compreendida como um "[...] período de transição entre a infância e idade adulta que envolve mudanças biológicas, cognitivas e socioemocionais". Ainda enfatiza, que a preparação para a vida adulta é uma tarefa essencial dessa fase, inclusive por depender dos jovens (em uma perspectiva social), o futuro de suas respectivas culturas.

Vale salientar que há uma intrínseca interinfluência entre emoções e cognição, em que “os processos socioemocionais modelam os processos cognitivos; os processos cognitivos avançam ou restringem os processos socioemocionais e os processos biológicos influenciam os processos cognitivos” (SANTROCK, 2014, p. 46). Nessa visão, entende-se que para melhor compreender a adolescência precisa-se ter a compreensão da integração entre os processos socioemocionais dos cognitivos e biológicos.

De acordo com Mora (2013, p. 110), “aprender, memorizar e relacionar-se com os demais é adquirir capacidades e habilidades que sirvam dentro e fora do colégio”. Este autor explica que a aprendizagem na instituição escolar tem efeitos neurocognitivos nos estudantes, modificando o cérebro de maneira diferente daqueles que aprenderam suas lições em casa com professores particulares. Tais mudanças se dão em nível de córtex cerebral, melhorando o desempenho cognitivo, social e emocional.

Isso ocorre devido às diversas relações constituídas no contexto escolar, especialmente na relação com o grupo (turma), em que estes indivíduos estão aprendendo uns com os outros, nas trocas que estabelecem. Do ponto de vista neurobiológico, toda aprendizagem gera uma mudança, e esta se dá no e por meio do intercâmbio da pessoa com os outros com quem convive, e com os objetos de aprendizagem, pois ao ser estimulado (no caso dos adolescentes deste estudo: pelos professores, pelos colegas, e outros agentes do meio educativo) e a partir das experiências vividas, o cérebro produz novas conexões neurais. Ou seja, é a experiência que dá o ajuste fino da conectividade neural, tornando o aprendizado na escola mais significativo.

Segundo Mendes (2016, p. 19), “a escola serve também como um espaço de aquisição de competências nas diversas áreas de socialização, de aprendizagem, de tomada de decisões baseadas na avaliação de pensamentos e emoções”.

Cubero, Alzina, Monteagudo e Moar (2006) explicam que são três as dimensões básicas e estruturalmente inseparáveis dos seres humanos: o pensar (respostas cognitivas), o fazer (respostas de conduta) e o sentir (respostas emocionais e afetivas), sendo estas igualmente importantes e necessárias para um equilíbrio vital harmônico, mesmo que mobilizem habilidades diferentes ao serem utilizadas. Ressaltam ainda, que na instituição escolar a dimensão afetiva é a menos contemplada, mas deve ser objeto da aprendizagem, podendo mudar os estilos de relação e comunicação entre os docentes e discentes.

Nessa perspectiva, entende-se que a escola deveria ser um ambiente diferenciado, que pode potencializar experiências e aprendizagens significativas, alcançando as várias dimensões que constituem os seres humanos. Um ambiente enriquecedor pode gerar um impacto positivo sobre as capacidades cognitivas, de memórias futuras, afetivas e sociais, sendo estes, agentes no processamento de informações.

La Torre (2004, p. 84) destaca que somos seres multidimensionais: físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais. Portanto, precisa-se considerar que as aprendizagens não se restringem ao cérebro, mas envolvem todas as dimensões. Em uma “[...] aprendizagem integrada os processos sensório-motores se auto-organizam na corporeidade humana”, e ainda “[...] não se limita aos conhecimentos, mas que envolve capacidades, atitudes, valores, hábitos e relações” (p. 87).

Considerando que as primeiras aprendizagens são provocadas pelo sistema psicomotor (visuomotor e tátil-cinestésico), motivadas pelas necessidades, interesses e estímulos exteriores, propiciando que o sujeito estabeleça suas representações, imaginação e criatividade, que passam a integrar seu desenvolvimento cognitivo, organizando e compreendendo melhor as novas informações que é capaz de reter e, assim, expressando suas emoções por intermédio das interações com outras pessoas, objetos e ambientes.

O conceito de emoção, conforme Alzina (2010, p. 61), se refere a “um estado complexo do organismo caracterizado por uma excitação ou perturbação que predis põe a uma resposta organizada. As emoções são geradas habitualmente como resposta a um acontecimento externo ou interno”.

Para Damásio (2011, p. 142), “[...] as emoções constituem ações acompanhadas por ideias e certos modos de pensar”, por exemplo: a emoção de tristeza induz à pensamentos acerca de eventos negativos, o mesmo ocorre em relação às emoções positivas, como a alegria, que leva ao sujeito a ter pensamentos mais otimistas.

Assim, relaciona-se o construto Bem-estar Subjetivo (BES), originário da avaliação emocional e cognitiva realizada pelo sujeito, das situações experienciadas, contando com uma dimensão cognitiva, a satisfação de vida, e uma dimensão emocional, composta pelos Afetos Positivos (AP) e Afetos Negativos (AN), compondo, portanto, uma estrutura tripartite, de acordo com os estudos de Diener, Suh, Lucas e Smith (1999).

Diener et al. (1999) citam que o balanço emocional resultante da frequência de emoções positivas e negativas experienciadas pelo sujeito, será experimentado mais BES se os AP forem mais frequentes e que os AN sejam mais infrequentes.

Para tanto, no presente artigo, apresenta-se resultados a partir da medição dos AP e os AN de adolescentes da Educação Básica de uma escola pública e privada, por meio de uma escala de atitudes (EAPN-A – SEGABINAZI et al., 2012), perguntando sobre a frequência em que os alunos experimentavam emoções positivas e negativas no ambiente escolar.

## **METODOLOGIA**

### **Caracterização do estudo**

Esta pesquisa, de abordagem quantitativa, teve o intuito de verificar a frequência com que um grupo de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública e outra privada, experimentaram emoções positivas e negativas no ambiente escolar.

Pais-Ribeiro (2009) ao conceituar estudos quantitativos afirma que são pesquisas expressas por números e interpretadas pelo pesquisador em construtos, teorias ou resultados que possam ser generalizados.

Assim, a medição dos afetos positivos e negativos apontados pelos estudantes deste estudo, por meio de um instrumento específico para esta população, permitiu conhecer os sentimentos e emoções que permeiam o contexto investigado, gerando reflexões para futuras ações educacionais.

### **Participantes da pesquisa**

Participaram do estudo 206 estudantes entre o 9º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, com idades entre 13 e 19 anos, sendo a maioria (74,3%) na faixa etária entre 15 e 17 anos. A média de idade do grupo investigado é de 15,8 anos (DP= 1,28).

### **Instrumento de coleta**

Foi utilizado para a coleta dos dados a Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPN-A), adaptada por Segabinazi et al. (2012). Essa escala *Likert* varia de 1 a 5 pontos, verificando o quanto de emoções positivas e negativas o estudante experimenta. Para o

cálculo da escala é considerado a soma do escore bruto das subescalas Afetos Positivos, composto pelos itens: 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 15, 16, 17, 21, 26 e 28, e, Afetos Negativos, composto pelos itens: 3, 5, 7, 11, 13, 14, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25 e 27. A soma dos escores dos itens, valor bruto, que compõem cada variável (AP e AN), pode variar de 14 pontos (pontuação mínima) a 70 pontos (pontuação máxima). Com o intuito de responder ao objetivo deste estudo, os estudantes foram questionados sobre a frequência que experimentavam as emoções positivas e as negativas no ambiente escolar.

#### Procedimentos de coleta de dados

Após a análise e aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da PUCRS, os Termos de Assentimento e Consentimento Livre e Esclarecido foram entregues aos alunos e assinados pelos responsáveis, em dia previamente agendado, para iniciar a coleta dos dados em cada instituição. O grupo da escola pública e particular responderam a escala, durante o horário regular de aula.

#### Procedimentos de análise de dados

Criou-se em banco de dados com as respostas dos estudantes em relação aos itens da EAPN-A, no programa estatístico SPSS para *Windows*, e, utilizou-se para análise Estatística Descritiva e Teste t de comparação entre grupos, para responder aos objetivos preestabelecidos. Sendo assim, nas primeiras análises, optamos por não estabelecer a separação entre sexo, escola, faixa-etária, e calcular a média geral dos 206 estudantes. Posteriormente, como recomendam Segabinazi et al. (2014), analisamos os AP e AN considerando sexo, pois no estudo desses autores foram encontradas diferenças significativas para essa variável. Depois, ainda realizou-se um teste de comparação entre as escolas e faixas-etárias.

#### APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dos 206 estudantes, 19,4% pertencem a escola da rede pública e 80,6% a escola da rede privada. Em relação ao ano de ensino, 19,4% encontram-se no 9º ano do EF, 24,8% no 1º ano do EM, 26,2% no 2º ano do EM e 29,6% no 3º ano do EM. Quanto à idade, 41,3% de estudantes possuem de 13 a 15 anos e 58,7% de estudantes possuem de 16 a 19 anos. Do total do grupo, 51,5% de estudantes são do sexo masculino e 48,5% de estudantes são do sexo feminino.

#### Variável Afetos Positivos

A análise descritiva por frequência dos AP apontados pelo grupo dos estudantes (n=206) demonstrou que, conforme a tabela abaixo, competência, alegria, felicidade, interesse e ânimo são os afetos mais vivenciados no contexto escolar (de 44% a 38% dos alunos), seguidos de diversão, contentamento, disposição, satisfação, carinho e decisão (de 37% a 31% dos alunos) e por menos de 30% dos estudantes são experimentados neste ambiente os afetos de coragem, valentia e amor. Observe esses resultados na Tabela 1 a seguir.

**Tabela 1 - Afetos Positivos sentido pelos discentes no contexto escolar**

Afetos Positivos	Classificação	f	%
Competente	Bastante	90	43,7%
Alegre	Bastante	81	39,3%
Feliz	Bastante; MUITÍSSIMO	80; 59	38,8%; 28,6%
Interessado	Bastante; Mais ou menos	80; 56	38,8%; 27,2%
Animado	Bastante; Mais ou menos	79	38,3%
Divertido	Bastante; MUITÍSSIMO; Mais ou menos	76; 52; 49	36,9%; 25,2%; 23,8%
Contente	Bastante	72	35%
Disposto	Bastante; Mais ou menos	71; 61	34,5%; 29,6%
Satisfeito	Mais ou menos; Bastante	71; 58	34,5%; 28,2%
Carinhoso	Mais ou menos	65	31,6%
Decidido	Bastante; Mais ou menos; MUITÍSSIMO	64; 52; 49	31,1%; 25,2%; 23,8%
Corajoso	Bastante; Mais ou menos	59; 58	28,6%; 28,2%
Valente	Mais ou menos; Bastante	54; 47	26,2%; 22,8%
Amoroso	Mais ou menos; um pouco; bastante	52; 50; 46	25,2%; 24,3%; 22,3%

Fonte: as autoras (2017).

#### Variável Afetos Negativos

Em sentido oposto, ao analisarmos os AN apontados pelos participantes da pesquisa (n=206) verificou-se que com menor intensidade (um pouco; mais ou menos), como mostra a Tabela 2 a seguir, apenas 20% a 30% do grupo se sentiu Desanimado; Chateado; Impaciente; Irritado; Magoado; Preocupado; Culpado e Triste. Esse percentual poderá aumentar se considerarmos a soma das classificações. Ressalta-se que mais de 15% dos alunos apontaram que no contexto escolar experimentaram bastante sentimentos como: Preocupação e Impaciência.

**Tabela 2 - Afetos Negativos experimentados pelos discentes no contexto escolar**

Afetos Positivos	Classificação	f	%
Desanimado	Um pouco	62	30,1%
Chateado	Um pouco; Mais ou menos	61; 40	29,6%; 19,4%
Impaciente	Um pouco; Mais ou menos; Bastante	56; 47; 35	27,2%; 22,8%; 17%
Irritado	Um pouco; Mais ou menos	54; 34	26,2%; 16,5%
Magoado	Um pouco	49	23,8%
Preocupado	Bastante; Mais ou menos; Um pouco	48; 46; 41	23,3%; 22,3%; 19,9%
Culpado	Um pouco	42	20,4%
Triste	Um pouco	42	20,4%

Fonte: as autoras (2017).

Todavia, mais de 50% do grupo (n= 206) não reconhece sentimentos como Humilhação; Perturbação; Pavor (assustado); Mágoa; Culpa e Tristeza no ambiente escolar, conforme demonstra a Tabela 3 abaixo.

**Tabela 3 - Afetos Negativos não reconhecidos no contexto escolar pela maioria discentes**

Afetos Positivos	Classificação	f	%
Humilhado	Nem um pouco	171	83%
Perturbado	Nem um pouco	129	62,9%
Assustado	Nem um pouco	122	59,2%
Magoado	Nem um pouco	118	57,3%
Culpado	Nem um pouco	118	57,3%
Triste	Nem um pouco	108	52,4%

Fonte: as autoras (2017).

A média dos AP e AN demonstraram que os discentes possuem médias mais elevadas no ambiente escolar para emoções positivas voltadas à felicidade (M= 3,79; DP= 1,07); à diversão (M= 3,70; DP= 1,06) e ao interesse (M= 3,67; DP= 1,03), e, que as médias mais baixas na vertente positiva correspondem a sentir-se amoroso (M= 2,94; DP= 1,26); valente (M= 2,98; DP= 1,31) e carinhoso (M= 3,02; DP= 1,22).

Conforme Casassus (2009) aquilo que senti-se sobre nós mesmos é o que determina, em grande parte, aquilo que somos. Ou seja, poderia-se dizer que nas emoções e sentimentos se encontram a fonte mais profunda da nossa identidade, muito além das determinações, julgamentos dos outros ou da cultura em que cada um está inserido. A identidade se expressa na maneira de agir e reagir às mensagens do entorno, permitindo a tomada de decisões.

Isso leva-nos a crer que os adolescentes que participaram deste estudo sentem mais felicidade, diversão e interesse por se perceberem assim. Provavelmente o ambiente escolar em que estão inseridos lhes proporcionem tais sentimentos e com isso se percebem de igual modo. Estes afetos de maior média são possíveis de serem relacionados ao ambiente escolar, onde permite o encontro com outros adolescentes da mesma faixa-etária, estimula para novos conhecimentos e propicia atividades diferenciadas (como por exemplo, jogos, saídas de estudo, atividades extracurriculares, etc.) lhes trazendo felicidade, diversão e interesse pelas atividades desenvolvidas.

Já para emoções negativas as médias mais elevadas estão ligadas à preocupação (M= 2,93; DP= 1,35); à impaciência (M= 2,74; DP= 1,30) e a se sentir chateado (M= 2,60; DP= 1,31), e, as médias menos elevadas na vertente negativa revelam sentimentos voltados a humilhação (M= 1,30; DP= 0,75); culpa (M= 1,76; DP= 1,08) e perturbação (M= 1,76; DP= 1,20).

Casassus (2009, p. 154) também aponta que um afeto negativo pode ser modulado, pois "sa?o os pensamentos negativos que transformam a raiva em algo negativo. A raiva em si na?o e? negativa, e? o que ocorre no interior de nossa mente que a transforma".

Como mencionado acima, os afetos negativos com maior escore foram: preocupação, impaciência e chateado. Tais sentimentos podem estar presente nesta faixa-etária, por se tratar de uma fase de transformações biopsicossociais, em que estes sujeitos encontram-se, também, diante de circunstâncias que exigem a tomada de decisões fundamentais para seu futuro, já que estão na reta final do ensino escolar, com vistas a outros níveis de ensino (Profissionalizante, Técnico/Ensino Médio, Superior) e/ou mundo do trabalho.

Assim, Casassus (2009, p. 91) destaca que tanto os afetos positivos quanto negativos: "intervêm em nossa capacidade de ação. Alguns afetos estimulam nossa força para agir em algum sentido, enquanto outros a diminuem. Alguns os favorecem e outros os reprimem".

Ao analisar as médias dos afetos que o grupo de estudantes (n=206) experimentaram, constata-se M= 47,13 (DP= 10,32) de afetos positivos, e M= 29,33 (DP= 10,70) de afetos negativos. Ao realizar esta avaliação por sexo, como recomendam Segabinazi et al. (2012), identifica-se que os meninos possuem M= 47,82 e as meninas M= 46,41 para AP, enquanto que para os AN os meninos deste estudo sentem menos do que as meninas no ambiente escolar, sendo: M= 27,33 (DP= 10,18) e M= 31,45 (DP= 10,88), respectivamente.

No sentido de verificar se existe diferença entre meninos e meninas em relação aos AP e AN, utilizou-se o "teste t" de comparação entre grupos, que demonstrou diferença estatisticamente significativa (t= -2,808; p<0,005) entre as médias dos AN.

Esses resultados corroboram com o estudo de Segabinazi et al. (2012, p. 55) demonstrando que meninos experienciam menos afetos negativos nesta faixa-etária. Estes autores constataram, no estudo de validação desta escala de afetos positivos e negativos (EAPN-A), "que meninos apresentam escores de afeto positivo mais elevado do que meninas, enquanto estas apresentam escores mais elevados de afeto negativo". Também, Vera et al. (2008) comprovaram, que nas meninas as chances de apresentar ni?veis mais altos de afetos negativos é sempre maior.

Fujita, Diener e Sandvik (1991) constataram, em sua pesquisa, que mulheres propendem às experiências de vida com maior intensidade emocional, o que leva a apresentarem ni?veis mais altos de afetos positivos e negativos.

A sociedade ocidental propaga a ideia que das mulheres se 'espera' mais reações ligadas às emoções, ou que saibam melhor lidar com elas. Por outro lado, dos homens se espera uma atitude mais 'racional', apresentando um comportamento mais 'objetivo' relacionado a tomada de decisões. Expressando, com isso, a superada dicotomia entre razão e emoção (MORA, 2013; DAMÁSIO, 2012; CASASSUS, 2009), atribuindo essa crença as diferenças entre os gêneros, naturalizando que o gênero feminino se relaciona mais com as emoções e o gênero masculino mais ligado a razão. Em função dessas percepções socioculturais ainda presentes em nossa sociedade, podemos inferir que 'pese' mais sobre as meninas cobranças relacionadas a percepção e gestão de suas emoções e sentimentos, sendo que não se façam estas mesmas cobranças dos meninos. Ainda cabe reforçar que, até então não se apresentaram diferenças significativas, sob a perspectiva neurobiológica (MORA, 2013), que possam explicar essa diferença em relação a meninas e meninos sobre sua afetividade.

Asensio, Acarín e Romero (2006, p. 65) esclarecem que no processo de socialização os sujeitos compreendem quais emoções e sentimentos são 'apropriados' para cada situação e aprendem a expressar e regular seu estado afetivo em função dos requisitos de cada contexto social

(vida familiar, relações de amizade, laborais, etc) em que se desenvolvem.

Deste modo, é imprescindível levar em consideração a cultura, em que estes sujeitos estão inseridos, e suas influências, uma vez que podem exercer uma função reguladora, permitindo ou não, determinados comportamentos e atitudes ao que certo contexto estabelece como mais adequado.

Também analisou-se se havia diferença entre as médias dos AP e AN dos estudantes da escola da rede pública - AP (M= 45,80; DP= 9,95) e AN (M= 25,65; DP= 8,41) - e da escola da rede privada - AP (M= 47,46; DP= 10,40) e AN (M= 30,22; DP= 11,22) -, e identificou-se diferenças estatisticamente significativas ( $t = -2,89$ ;  $p < 0,005$ ) para as médias dos AN, ou seja, os alunos da escola da rede pública experimentaram menos AN do que os alunos da escola da rede privada.

Esses resultados podem estar relacionados, como explicam Asensio, Acarín e Romero (2006), ao contexto social que determinam as emoções. Conforme os autores “as culturas condicionam o estilo motivacional e emocional dos indivíduos” (p.64). Sendo assim, “o contexto sociocultural não só modela a expressão das emoções como também a experiência emocional criando as condições de possibilidade para suscitá-las ou inibi-las” (p.65). Logo, os ambientes em que os alunos estão expostos podem influenciar a expressão de suas emoções, exigindo respostas apropriadas ao contexto em que estão inseridos. De alguma forma, a escola privada tem estimulado respostas emocionais mais negativas do que a escola pública.

Vale lembrar que dentro desses contextos sociais, o núcleo familiar é o primeiro agente de socialização e humanização. Nesse sentido, as escolhas educativas de cada família, as expectativas futuras e outras preocupações podem explicar as diferentes respostas afetivas de cada estudante.

Conforme Hutz (2014), alguns estudos da psicologia social e genética apresentam resultados indicando que parte dos níveis dos afetos podem ser herdados geneticamente. Assim, pais que vivenciam maior quantidade de afetos positivos e menor de afetos negativos (o inverso também é possível), tendem a conceber filhos com níveis de afetos equivalentes aos seus.

Além da carga genética, Asensio, Acarín e Romero (2006), destacam que há uma herança familiar (memória afetiva) em relação aos medos, afinidades, gestos, atitudes e palavras, que movem determinados tipos de comportamentos. Para estes autores, a história afetiva de cada pessoa influencia as condutas sobre si e no desenvolvimento de suas múltiplas qualidades mentais, inclusive as cognitivas.

Ainda Hutz (2014) acrescenta que é necessário considerar a personalidade. Sendo assim, o aspecto pessoal pode ser outro fator que incide sobre a dimensão afetiva. Neste sentido, entendemos que vale destacar as contribuições que a resiliência exerce sobre cada pessoa, no modo como encaram as diversas situações e na maneira como lidam com cada uma delas. Os contextos em que se está inserido podem desencadear determinados comportamentos e atitudes, mas a personalidade de cada sujeito possui particularidades que tornam cada ser humano único e múltiplo (o primeiro pelo caráter individual e o segundo ligado ao social).

Sousa (2006, p. 28) salienta que a resiliência poderia explicar “a razão porque certos indivíduos, em circunstâncias aparentemente idênticas, lidam com a adversidade de um modo mais adequado do que outros”, o que também pode auxiliar a elucidar essas diferenças entre as médias evidenciadas neste estudo.

Por fim, analisou-se as médias dos afetos por faixa-etária, sendo que as médias dos AP para os alunos que se encontravam no primeiro intervalo, entre 13 e 15 anos é M= 47,05 (DP= 1,34), e para os alunos que se encontravam no segundo, entre 16 e 19 anos é M= 48,31 (DP= 1,28). As médias dos AN para os estudantes que se encontravam no primeiro intervalo etário é de M= 27,87 (DP= 9,98) e para aqueles se encontravam no segundo intervalo etário é de M= 30,35 (DP= 11,10), indicando que os discentes mais velhos sentem mais AN que os discentes mais jovens. Examinou-se a existência de diferença entre as médias dos estudantes do primeiro e segundo intervalo etário, e não constatou-se diferença estatisticamente significativa. O intervalo etário só apresentou diferença entre as médias quando separamos o grupo por sexo, sendo que apenas as meninas mais jovens (13 a 15 anos - M= 29,02; DP= 9,68) e as meninas mais velhas (16 a 19 anos - M= 33,36; DP= 11,47) apresentaram diferença estatisticamente significativa para os AN ( $t = -2,007$ ;  $p < 0,048$ ), ou seja, as alunas pesquisadas, do intervalo etário mais elevado, sentiram mais emoções negativas no ambiente escolar. Isso pode ocorrer, com essas estudantes mais velhas, pelo fato de se encontrarem em uma etapa mais avançada do sistema de ensino, ou mesmo, por permanecerem nesse devido a não conseguirem atingir níveis de rendimento satisfatórios, no ambiente escolar, exigidos para a finalização desta etapa de Educação básica.

Diante desse resultado pode-se afirmar que, esta diferença entre as médias dos estudantes mais velhos, podem estar indicando que estes sentem mais afetos negativos por se encontrarem em uma etapa de vida que os coloca diante de situações que, talvez, desencadeiam tais sentimentos, podendo estes estarem relacionados a pressão por resultados futuros, início da vida adulta, ingresso na universidade e trabalho, conforme já citado anteriormente.

Nessa direção, entende-se que os adolescentes mais velhos estão em um momento de planejar suas vidas, sendo ‘pressionados’ a tomar uma série de decisões, provavelmente, refletindo uma maior percepção de mais afetos negativos, especialmente no que diz respeito a sua vida no contexto escolar.

De acordo com Damásio (2012, p. 17):

No que têm de melhor, os sentimentos encaminham-nos na direção correta, levam-nos para o lugar apropriado do espaço de tomada de decisão onde podemos tirar partido dos instrumentos da lógica. Somos confrontados com a incerteza quando temos de fazer um juízo moral, decidir o rumo de uma relação pessoal, escolher meios que impeçam a nossa pobreza na velhice ou planejar a vida que se nos apresenta pela frente. As emoções e os sentimentos, juntamente com a oculta maquinaria fisiológica que lhes está subjacente, auxiliam-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto e planejar as nossas ações de acordo com essas previsões.

Considera-se muito pertinente essa fala de Damásio, no sentido em que ele pontua a relevância e a influência que as emoções e sentimentos tem nas escolhas mais simples, como selecionar a roupa que veste, e nas mais complexas, como decidir uma profissão.

Casassus (2009) fala a respeito dos afetos a partir das competências emocionais, e ressalta que reconhecer nossas emoções e a maneira como elas nos afetam, auxiliam na modulação emocional, em que a pessoa torna-se capaz de separar sua reação emocional daquilo que está observando e percebendo. “A modulação é necessária para poder expressar as emoções equilibradamente, sem inibi-las e sem extrapolar” (CASASSUS, 2009, p. 154).

Sousa (2006, p. 16) enfatiza que a formação educativa deve fomentar “a abertura ao novo conhecimento, a valorização da personalidade e interpessoalidade, e o redimensionamento da importância atribuída ao clima afetivo/emocional, como facilitador do desenvolvimento durante a formação e mobilização de informação e de procedimentos facilitadores da construção de conhecimento relevante para conseguir assegurar padrões de elevada qualidade na Educação da Pessoa Adulta”.

Destaca-se aqui a pesquisa de Mendes (2016) que tratou da vertente emocional, realizando oficinas para adolescentes em uma escola pública, contando com um grupo-controle, evidenciando resultados satisfatórios e promissores no que diz respeito a Educação Emocional, ou

seja, levando ao conhecimento dos estudantes, por meio de elementos teóricos e situações-problema, a compreensão das dimensões socioemocionais humanas, pouco tratadas nas escolas.

Acredita-se que, desse modo se estará criando ambientes enriquecedores e estimuladores para consolidar, não só os processos de ensino e aprendizagem, mas também desenvolvendo a possibilidade para o autoconhecimento e reconhecimento das próprias emoções e sentimentos, levando os adolescentes a realizarem escolhas com mais convicção e segurança, em relação àqueles aspectos presentes em suas vidas e que, muitas vezes, lhes geram dúvidas e questionamentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre afetividade se mostra importante, pois compreende-se que os sentimentos e as emoções influenciam os comportamentos e as atitudes das pessoas interferindo no seu modo de agir de acordo com o contexto em que está inserido e sua personalidade.

A partir da análise dos dados dessa pesquisa, verificou-se que as variáveis sexo e escola pública parecem modificar a forma como os adolescentes percebem seus afetos no ambiente escolar. No entanto, a variável sexo é a que aparece com maior frequência entre os estudos sobre afetos em adolescentes. Nessa investigação, por exemplo, pode-se confirmar a forma distinta em que refletem os sentimentos e as emoções de meninas e meninos adolescentes, sendo as meninas aquelas que mais experimentaram afetos negativos na escola. Dentre elas, existe ainda uma propensão das meninas mais velhas vivenciarem mais afetos negativos nesse ambiente.

Essa trajetória investigativa, apontou que essas diferenças de percepção dos adolescentes sobre os afetos positivos e negativos podem estar relacionadas a história de vida do sujeito, aos ambientes em que vivem, e como os mesmos veem e assimilam as situações vividas, diferenciando a forma de reagir diante delas.

Cabe aqui assinalar, que intervenções realizadas com grupos de adolescentes colaboram para o aumento de afetos positivos, uma vez que as atividades que trazem a temática das emoções e sentimentos, contribuem para um melhor autoconhecimento e reconhecimento das próprias emoções e auxiliam na avaliação e controle daqueles afetos mais negativos, resultando em melhor satisfação com a vida e bem-estar individual.

Ressalta-se assim, a importância de abordar temas que envolvem os afetos, as emoções e os sentimentos na adolescência, especialmente por se tratar de uma faixa etária que necessita de suporte e orientações claras a respeito da vida de um modo geral, para que possa fazer melhores escolhas em relação: às perspectivas futuras, do seu papel enquanto ser humano, da família, das relações sociais, do mundo do trabalho, formação, espiritualidade, dentre tantos outros assuntos que se fazem presente na vida dos jovens, muitas vezes, em forma de dúvidas e questionamentos. Não há como a escola 'preparar' as pessoas para enfrentar todas as exigências e os desafios que surgem na vida, tendo em vista as incertezas e as mudanças inerentes à contemporaneidade, mas pode-se melhor instrumentalizá-las nas tomadas de decisões em direção à satisfação e ao bem-estar.

## REFERÊNCIAS

ALZINA, R. B. **Educación emocional y bienestar**. 6. ed. España: Wolters Kluwer, 2010.

CASASSUS, J. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

ASENSIO, J. M.; ACARÍN, N.; ROMERO, C. De la Neurobiología a la cultura. In: ASENSIO, J. M.; GARCÍA-CARRASCO, J.; NÚÑEZ-CUBERO, L.; LARROSA, J. (Coords.) **La vida emocional**. Barcelona: Editorial Ariel, 2006.

CUBERO, L.N.; ALZINA, R. B.; MONTEAGUDO, J. G.; MOAR, M. G. El papel de la institución educativa en la educación emocional. In: ASENSIO, J.M.; CARRASCO, J.G.; CUBERO, L.N.; LARROSA, J. (Coords.) **La vida emocional: las emociones y la formación de la identidad humana**. Barcelona: Ariel, 2006.

DAMÁSIO, A. R. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DIENER, E.; SUH, E.; LUCAS, R.; SMITH, H. Subjective well-being: three decades of progress. **Psychological Bulletin**, n. 2, v. 125, p. 276-302, 1999.

FUJITA, F.; DIENER, E.; SANDVIK, E. **Gender differences in negative affect and well-being: the case for emotional intensity**, 1991.

HUTZ, C. S. **Avaliação em Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LA TORRE, S. Aprendizagem integrada: uma aprendizagem para a vida. In: MORAES, M. C.; LA TORRE, S. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MENDES, A. R. **Educação emocional na escola: uma proposta possível**. 2016. 145 f. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MORA, F. **Neuroeducación: solo se puede aprender aquello que se ama**. Madrid: Alianza Editorial, 2013.

PAIS-RIBEIRO, J.L. A importância da qualidade de vida para a psicologia da saúde. In: CRUZ, J.; JESUS, S.N. de; NUNES, C. (Coord.) **Bem-estar e qualidade de vida: Contributos da psicologia da saúde**. Portugal: Textiverson, 2009.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SEGABINAZI, J. D.; ZORTEA, M.; ZANON, C.; BANDEIRA, D. R.; GIACOMONI, C. H.; HUTZ, C. S. Escala de afetos positivos e negativos para adolescentes: Adaptação, Normatização e evidências de validade. **Avaliação Psicológica**, v. 11, n. 1, p. 1-12, 2012.

SEGABINAZI, J. D.; ZORTEA, M.; GIACOMONI, C. Avaliação de bem-estar subjetivo em adolescentes. In: HUTZ, C. S. (org.) **Avaliação em Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

SOUSA, C. **Educação para a Resiliência**. Tavira: Ponto Pinta, 2006.

VERA, E.; THAKRAL, C.; GONZALES, R.; MORGAN, M.; CONNER, W.; CASKEY, E.; et al. Subjective well-being in urban adolescents of color. **Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology**, n.14, p. 224-233, 2008.